

SARS-COV-2 INFODEMIA, PÓS-VERDADE E GUERRA HÍBRIDA

Marcelo Bichara

Doutorando em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE-UFRJ). Mestre em Psicologia.

Resumo: Este artigo argumenta que a crise econômico-sanitária produzida pela emergência do novo coronavírus não deve ser pensada de modo alienado ao contexto maior em que ela se insere – o colapso socioambiental do sistema ecológico; sendo esta apenas a primeira grande onda, com força o suficiente para, em poucos meses, forçar até mesmo a ideologia hegemônica neoliberal a recuar em seu sistema de verdade. Usando o referencial teórico da psicologia complexa, dialogando com a literatura filosófico-social recente sobre a pandemia de 2020, será analisada a questão psicológica por trás do fenômeno contemporâneo da pós-verdade, bem como a estratégia de *Guerra Híbrida* (*psyops* – operação psicológica), implementada através do *espetáculo desintegrador* coordenado pelo movimento negacionista anticiência, entendido aqui enquanto estratégia de poder.

Palavras-chave: Pós-verdade. Negacionismo. Sociedade do espetáculo. Infodemia. Guerra Híbrida.

Abstract: This article argues that the economic and health crisis produced by the emergence of the new coronavirus should not be studied apart from the larger context in which it is inserted – the socio-environmental collapse of the ecological system. This is just the first big wave, strong enough to, in a few months, forces even the neoliberal hegemonic ideology to retreat with its system of truth. The psychological problem behind the contemporary phenomenon of post-truth will be analyzed using the theoretical framework of complex psychology, dialoguing with the recent philosophical-social literature on the 2020 pandemic, as well on the *Hybrid War* strategy (*psyops* - psychological operation), implemented through the *disintegrator spectacle*, coordinated by the anti-science negationist movement, understood here as a power strategy.

keywords: Post-truth. Negationism. Spectacle Society. Infodemic. Hybrid War.

Introdução – in virus veritas

Esta situação me lembra uma história. Eu havia acabado de sair da infância, quando o vizinho do andar de baixo cometeu suicídio. Sua mãe já idosa, que vivia trancada em casa com o filho esquizofrênico, recusou-se a aceitar os fatos diante de si. Nos dias que se seguiram, ela continuou fazendo comida e conversando com o defunto. Tudo seguia normalmente como se nada tivesse acontecido. Até que o calor do Rio de Janeiro fez o corpo começar a apodrecer em ritmo vertiginoso. O odor de morte que inundou os corredores obrigou o condomínio a ter que intervir. Quando os bombeiros arrombaram a porta, a pobre senhora só sabia repetir para que eles não machucassem seu filho. Na percepção dela, tudo se passava como se ele ainda estivesse vivo, sendo retirado de casa à força injustamente. Como o corpo já se decompunha, ele teve que ser enrolado em sacos de lixo para não sujar o elevador. E ainda assim lá estava sua mãe, preocupada com o conforto do filho falecido...

Seguindo a direção apontada pelo coletivo Chuang (2020) – um grupo de filósofos libertários chineses – é preciso compreender a crise do novo coronavírus dentro de um espectro mais amplo, como um dos muitos sintomas de uma crise mais geral: o colapso socioambiental, que nada mais é do que a constatação empírica e científica de um limite real, físico e sistêmico, do capitalismo global.

O vírus por trás da epidemia atual (SARS-CoV-2) foi, como o antecessor de 2003 SARS-CoV, bem como a gripe aviária e gripe suína antes dele, gestado no nexo entre a economia e a epidemiologia. Não é por acaso que muitos desses vírus assumiram o nome de animais: a disseminação de novas doenças para a população humana acontece através da chamada transferência zoonótica, que é uma maneira técnica de dizer que essas infecções saltam dos animais para os humanos. Esse salto de uma espécie para outra é condicionado por questões como proximidade e regularidade do contato, que constroem o ambiente em que a doença é forçada a evoluir. Quando essa interface entre humanos e animais muda, também mudam as condições nas quais essas doenças evoluem [...] a panela de pressão evolutiva criada pela agricultura e urbanização capitalistas. Isso fornece o meio ideal através do qual pragas cada vez mais devastadoras nascem, transformam-se, são induzidas a saltos zoonóticos e, em seguida, agressivamente vetorizadas através da população humana. A isso se soma processos igualmente intensivos que ocorrem nas margens da economia, onde cepas "selvagens" são encontradas por pessoas pressionadas a incursões agroecômicas cada vez mais extensivas sobre os ecossistemas locais. [...] O resultado é “**um tipo de seleção demoníaca crescente**”, através da qual o vírus apresenta um número maior de caminhos evolutivos em

um tempo mais curto, permitindo que as variantes mais bem adaptadas superem as demais.

[...] a lógica básica do capital ajuda a pegar cepas virais previamente isoladas ou inofensivas e a colocá-las em ambientes hipercompetitivos que favorecem os traços específicos que causam epidemias, como ciclos rápidos de vida viral, a capacidade de salto zoonótico entre espécies transportadoras e a capacidade de evoluir rapidamente para novos vetores de transmissão. Essas cepas tendem a se destacar precisamente por causa de sua virulência.

[...] O coronavírus mais recente, em suas origens “selvagens” e sua súbita disseminação por um núcleo fortemente industrializado e urbanizado da economia global, representa as duas dimensões da nossa nova era de pragas político-econômicas. (Chuang, 2020, s/p [*grifos dos autores*])

O eminente colapso do sistema ecológico que sustenta nosso modo de vida é um fato científico respaldado por incontáveis publicações, em todas as áreas do conhecimento (Latour, 2017). O mito novecentista do crescimento econômico infinito, inspirado no liberalismo imperialista de sua época e na física sem tempo da mecânica clássica, entrou em rota de colisão com as leis entrópicas e sistêmicas que regem a vida na Terra (Pinguelli, 2006). A constatação deste fato é tão inexorável quanto a realidade da morte e a existência dos vírus; embora não seja tão facilmente demonstrável quanto essas últimas, que podem ser apreendidas numa imagem direta do fenômeno (a morte de um ente querido, os sintomas da Covid-19 e a foto do vírus).

A crise sistêmica por outro lado, em geral só é diretamente perceptível pelo intelecto, uma vez que se torna apreensível somente através de uma visão mais ampla do todo e da interconexão entre suas partes:

Nós nos acostumamos com a ideia de que somos uma humanidade. Embora a ideia tenha sido naturalizada, ninguém mais presta atenção ao sentido do que venha mesmo ser humano. É como se tivéssemos várias crianças brincando que, por imaginar essa fantasia da infância, continuassem a brincar por tempo indeterminado. Viramos adultos, estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e as sociedades. [...] Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas tomam conta e submetem o planeta: acabam com florestas, montanhas, transformam tudo em mercadorias. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. [...] Filho, silêncio. A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não é ordem imperativa. Ela simplesmente está dizendo para a gente: silêncio. Esse é também o significado do recolhimento. (Krenak, 2020).

Quando um processo que antes era abstrato manifesta-se de forma concreta (milhares de morte por dia, o sistema em colapso), torna-se possível ver com os olhos e os demais sentidos do corpo (*função sensação*) aquilo que antes só era acessível pelos olhos da mente (*função pensamento*). Através do raciocínio, memória, inteligência e imaginação, nossa espécie evoluiu e conquistou o planeta porque desenvolveu uma enorme habilidade de previsão, que cresceu por adições e seleção a partir de suas bases instintivas até atingir o rigor metodológico e a estruturação sistêmica que hoje chamamos de ciência. Mas não é sempre assim que as coisas acontecem. Por vezes é comum que a *função sentimento*, ao invés de estimular o pensamento a se voltar para a realidade exterior (movido pela *libido*: desejos, afetos, prazer e curiosidade), permanece prisioneira de traumas passados (pessoais e coletivos), que fazem o sujeito literalmente “fugir de medo” para dentro de si, afastando-se da realidade exterior e formulando um mundo subjetivo só para si. O conteúdo acessado pelo pensamento ou sensação, mas repudiado pelo sentimento, pode ser de tal forma tão radicalmente diferente daqueles a que o sujeito está acostumado, que se torna literalmente impossível para o sistema psíquico integrá-lo à consciência, sem que com isso ponha em risco a integridade do eu e o seu senso de identidade, confrontados com a alteridade de uma verdade por demais insuportável. (Jung, 2014)

Quando os sentimentos relacionados a tal conteúdo são por demais ameaçadores, um processo arquetípico (instintivo e inconsciente) entra em ação. Tal mecanismo de defesa tem por função empurrar o conteúdo invasor para a *sombra*, aquela região do inconsciente (pessoal e coletivo) onde armazenamos os pensamentos reprimidos. Se este processo é muito bem sucedido (se a descarga e a tensão de energia psíquica são fortes o suficiente para isso), o sujeito pode se ver completamente alienado de qualquer referência consciente àquele acontecimento, e segue vivendo sua vida como se nada tivesse acontecido. Muitas vezes a imaginação é chamada para preencher as lacunas de sentido, inventando narrativas fantasiosas que permitem, por exemplo, que a velha siga conversando animada com o seu filho, mesmo que ele esteja apodrecendo a olhos vistos no sofá.

Ao longo da última década, vimos a elite econômica do capitalismo financeirizado transnacional instaurar a pós-verdade entre nós. O termo “post truth” foi eleito pelo Dicionário Oxford como “a palavra do ano” de 2016 (ano do impeachment da presidente Dilma Rousseff no Brasil, da eleição de Donald Trump nos EUA e da campanha pelo

Brexit na Inglaterra). Segundo os autores da pesquisa, em poucos meses a palavra saltou do gueto intelectual onde fora cunhada¹, para ocupar o centro dos debates políticos, geralmente referindo-se a “circunstâncias onde fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crenças pessoais” (Oxford, 2016 [TN]²).

O objetivo perverso do 1% mais rico do mundo já está claro de antemão: garantir a continuidade de um sistema de exploração (humano e ambiental), genocida e suicida, que por sua vez está, do ponto de vista científico das leis naturais que sustentam a vida na Terra, fadado a colapsar o ecossistema do qual ele próprio depende. Daí a importância estratégica da pós-verdade e de sua publicidade negacionista. Manter a máquina girando, custe o que custar. Enquanto seguem com a marcha fúnebre, os super-ricos constroem para si ecossistemas artificiais, iludidos com a fantasia narcísica de que o futuro da humanidade sobreviverá em seus bunkers de luxo.³

Diante do fim do mundo, pobres e ricos escolheram igualmente mentir para si mesmos. Mas a eficiência do discurso atual anticiência só atinge o alcance que tem, devido à existência de uma tendência prévia e latente no *inconsciente coletivo*, uma predisposição arquetípica para reagir desta maneira diante de fatos extremos. O destino de toda boa propaganda é conduzir os instintos. Quando através disso ela consegue operar uma transformação na *realidade psíquica*, nós chamamos de Arte.

A angústia da impermanência está na base de todos os sistemas de crença, do budismo oriental ao platonismo ocidental. O medo do novo e do diferente é o lado sombrio de todas as tradições. Por outro lado, o desejo brutal por novidade a todo instante, que constitui a modernidade, é uma função de crescimento geométrico semelhante a do coronavírus, que quando atinge certo valor, transforma de modo tão radical as bases sobre as quais o seu desenvolvimento era possível, que nos confronta com o radicalmente novo, diante do qual nossa própria identidade, ancorada no passado, isto é, na memória, se torna ameaçada de extinção.

¹ “*Pós-verdade* parece ter sido usada nesse sentido pela primeira vez num artigo do dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich na revista *The Nation*. Refletindo sobre o escândalo Irã-Contras e a Guerra do Golfo Persa, Tesich lamentou que “nós, como povo livre, decidimos livremente que queremos viver num mundo de pós-verdade” [post-truth world]. (Oxford, 2016 [TN])

² TN = tradução nossa.

³ *Os abrigos para o fim do mundo construídos para os super-ricos*. BBC, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-38809611>. Acesso em 01 abril, 2020.

Quando o cenário exterior se torna por demais insuportável a libido regride, abandonando a objetividade do mundo coletivo para habitar suas próprias fantasias narcísicas. No início deste traumático século XXI, somos todos a mãe assustada diante do filho falecido, seguindo nossas vidas como de costume, enquanto seu corpo apodrece dentro de nossa própria casa, a única que temos. Mas o terrível calor dos acontecimentos faz levantar o cheiro de morte. É hora de confrontar a dura realidade que escolhemos coletivamente esconder na sombra de nós mesmos, enquanto corríamos para realizar nossas fantasias egocêntricas. Agíamos como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Torcíamos todos, secretamente, para que o problema fosse de fato apenas da próxima geração. Mas agora, diante da crise, é preciso confrontar nossa realidade contraditória, elaborando para nós mesmos uma nova forma de existência, mais bem adaptada à verdade inexorável diante de nós.

Espectáculo desintegrado: uma estratégia de guerra psicológica

Num artigo publicado semanas antes da pandemia (Bichara & Koehler, 2020), argumentou-se que a pós-verdade instaura um novo modelo psíquico na sociedade. Na formulação da modernidade, a neurose obsessiva se configurou como modelo de normalidade psíquica mais bem adaptada ao sistema produtivo. O rigor do método científico, nascido nas fornalhas dos alquimistas, e a eficiência mecânica das linhas de fábrica (que permitiram a rápida industrialização do globo), são rituais obsessivos que, se seguidos à risca, produzem resultados positivos que falam por si mesmos. Durante uma pandemia respiratória como agora, o comportamento obsessivo configura-se numa habilidade adaptativa mais do que necessária à sobrevivência do coletivo, no que se refere à higiene pessoal e o seu impacto na propagação da doença.

Mas atualmente são os paranoicos quem mais obtém êxito no mundo conectado. O sucesso e a disseminação de uma ideia não depende mais de sua eficácia prática e de sua coerência interna (tão valorizada pelos neuróticos). Tudo que importa agora é o envolvimento afetivo que ela é capaz de produzir, medido pelo número de *likes* e *views* numa plataforma digital cujo algoritmo foi escrito para favorecer a posição mais radical, ao mesmo tempo em que afasta os conteúdos divergentes daquele perfil, sua bolha digital. Deste modo, fica instaurado aquilo que, no artigo mencionado acima, foi chamado de mercado liberal da *verdade customizada*.

Em outra publicação anterior (Bichara & Silva, 2016), dialogando com o conceito de *sociedade do espetáculo* (Debord, 2003), constatou-se que a Internet constitui um novo

regime de espetáculo, batizado então de *espetáculo desintegrado*. Debord opunha o *espetáculo concentrado* (propaganda estatal, centralizada e nacionalista) ao *espetáculo difuso* (capitalista, voltado à diversidade e a individualidade); tendo cometido suicídio pouco depois de fazer um incremento à sua teoria, ao propor o conceito de *espetáculo integrado* para pensar a propaganda neoliberal que toma os governos e a sociedade de assalto nos anos de 1990. Mas se o mundo das grandes corporações transnacionais parecia naquele momento tudo o que nos restaria após o declínio da utopia socialista, a horizontalidade da Internet fez propagar nas décadas seguintes uma diversidade sem fim de narrativas alternativas, cada uma servindo ao sistema financeiro global à sua maneira (fazendo bens, produtos e dinheiro circular), mas ao mesmo tempo inviabilizando a possibilidade de uma metanarrativa integradora que mobilize o coletivo. Algo que as religiões e a modernidade souberam fazer tão bem.

Na ocasião, foi mencionado o valor positivo dessa desintegração, na medida em que permitia, por exemplo, coletivos independentes de mídia alternativa fazer frente à manipulação política das notícias, operada pelas grandes corporações de mídia. Em 2013, ficou famoso o papel que o canal Mídia Ninja desempenhou durante as jornadas de junho. No entanto, de lá para cá, a extrema direita soube se apropriar melhor deste instrumento libertário (especialmente através do trabalho perigoso da Cambridge Analytica), pervertendo seu uso através de robôs, perfis falsos e compartilhamento em massa das chamadas *Fake News*.⁴

Parece um fato saído de um conto distópico de ficção científica, uma mistura de Kafka com Philippe K. Dick. Mas vivemos hoje num tempo onde os robôs já se configuram como uma das maiores forças políticas de condicionamento de opinião nas mídias digitais (Kalil & Santini, 2020).

Korybko (2019) explica como a nova estratégia de dominação imperialista consiste em controlar a ciberesfera, não somente através da vigilância digital, mas também através das *psyops*, operações psicológicas com finalidade política. Desestruturar uma nação, para depois dividir os espólios entre as grandes corporações. Tal é a estratégia da chamada *Guerra Híbrida*, a nova face do imperialismo no século XXI. É dentro deste contexto que temos de analisar a atitude negacionista em relação à pandemia. Aumentar o caos para, a partir dele, legitimar a escalada autoritária.

⁴ Para maiores detalhes, ver: <https://www.theguardian.com/news/series/cambridge-analytica-files>.

Durante a crise do novo coronavírus, a OMS cunhou um termo que merece nossa devida atenção: *infodemia* (Kalil & Santini, 2020). Assolada não somente pela propagação acelerada do vírus, a sociedade interconectada agora é vítima também de uma enxurrada sem fim de notícias, disseminando todo tipo de ponto de vista. Até mesmo os discursos mais absurdos ganham espaço e se propagam feito incêndio. No regime do espetáculo desintegrado, a propaganda é customizada, desenhada perfil a perfil, com o objetivo de provocar fissões, conflitos identitários, partidários e ideológicos, seguindo a antiga estratégia de guerra do império romano: dividir para conquistar. A propaganda negacionista é, acima de tudo, *desintegradora*. Ela foi feita para corroer o corpo social e a integridade psíquica. Produzir o caos e inspirar o medo. Quando a mente é arrancada do equilíbrio psíquico por forças coletivas, a consciência individual e o livre-arbítrio desaparecem. Resta apenas a turba e o pensamento de manada. Quando somos arrancados de nosso centro, transformamo-nos todos em robôs.

Considerações Finais

Concluimos a partir do exposto que a pós-verdade é o resultado de uma infodemia planejada, financiada e direcionada pela elite do sistema financeiro internacional, com o objetivo explícito de evitar as transformações que se fazem necessárias. Argumentamos que a dificuldade do negacionista, manipulado pela propaganda neofascista *desintegradora*, não consiste portanto num problema cognitivo, mas sobretudo emocional e inconsciente. Ela é inteiramente movida pelo medo do desconhecido, medo da morte e da perda da identidade. O eterno medo infantil, que no fundo é um desejo secreto de regressar ao paraíso perdido da ignorância pré-consciente. Sentimento coletivo e arquetípico que, no entanto, pode agora ser direcionado e vendido de modo customizado, perfil a perfil.

Diante do colapso eminente de nossas ilusões narcísicas, quem dentre nós pode dizer com convicção que é inteiramente livre desses medos e de semelhante manipulação? Mas é tempo de despertar. Se hoje diante da pandemia você sente medo, melhor assim. Estamos mais conscientes hoje de nossa real condição efêmera, do que estávamos ontem.

Não discuta política na internet. Não vai levar a lugar algum, especialmente com os robôs, seja aqueles de silício ou mesmo os de carbono. Política é lugar de encontro, simbiose natural dos corpos, o resultado da circulação entre pessoas, ideias e objetos. A internet é uma falsa ágora. Ela é o próprio sistema de controle. Acima de tudo, não se

iluda com o mito da privacidade. Ela é apenas uma lembrança utópica de um tempo que já se foi.

A elite do mundo deseja tomar para si a administração de recursos básicos à vida e a dignidade humana, privatizando a água, a saúde, a educação e a cultura. Privatizam os lucros e democratizam os custos. Quando chega a conta de toda nossa dívida com o planeta, cabe sempre aos estados, aos cofres públicos e à população mais pobre pagar os custos do estrago em nossa casa coletiva. Mas diante do cenário de guerra que a crise sanitária nos impôs, a mão invisível do mercado se mostrou impotente, puro objeto de fantasia, folclore erudito dos meninos de Chicago, ideologia forjada na elite, para a elite.

Zizek (2020) e Harley (2020) foram os primeiros a apontar como a crise do novo coronavírus está forçando rapidamente o discurso neoliberal a sair de cena. Nos termos de Harley, o vírus está levando o presidente Donald Trump, grande ícone dessa ideologia, a tomar decisões mais socialistas do que o próprio Bernie Sanders teria coragem de propor.

Baidou (2020), menos otimista que Zizek e Harley, lembra que é comum os governos estatizarem fábricas e comandarem o mercado à braço de ferro durante um esforço de guerra ou para sair de uma crise. Este recuo, em seu ponto de vista, não seria a queda derradeira do neoliberalismo, mas apenas uma estratégia política para mantê-lo funcionando depois da pandemia.

Numa pesquisa encomendada agora pelo banco central americano (Federal Reserve) em parceria com o MIT, sobre os impactos econômicos da gripe espanhola nas cidades norte-americanas (seu real lugar de origem, apesar do nome), foi possível medir com clareza como as recomendações médicas para conter a pandemia do século passado, foram de fato favoráveis à economia, no sentido de que as cidades que se protegeram mais rápido e melhor contra o vírus, passada a crise sanitária, tiveram melhores condições para se recuperar economicamente (Correia *et al.*, 2020).

No entanto, ainda há aqueles que defendem uma falsa oposição entre saúde e economia. Delírio coletivo embaixo, manipulação perversa em cima. A questão central que tem sido debatida ultimamente é justamente esta: como salvar a economia diante de uma crise de tamanha magnitude. Nossa resposta é mais pessimista do que se poderia imaginar. Parece evidente que a economia não pode ser salva, na medida em que é ela a causa da doença. A pergunta que deveríamos fazer agora é: como reinventar a nós mesmos diante do fato de que o nosso modo de vida já está morto e em decomposição?

Quando Greta Thunberg entrou em greve escolar para defender o meio ambiente, foi alvo de ataques e elogios diversos. O que mais impressiona em sua atitude é o fato de que, apesar de sua idade, ela é uma das poucas entre nós que realmente parece ter internalizado o fato de que o futuro que imaginamos, aquele que nos foi vendido como possível, nunca vai chegar. O futuro que a modernidade inventou para si está morto e já começa a feder. A única alternativa possível é a reinvenção de nosso modo de vida e o cultivo de novos valores.

Do ponto de vista de um estado laico e uma sociedade alinhada com as evidências científicas, que não tenha medo de encarar o problema real diante de nós, será preciso, mais do que nunca: investir em ciência, educação e saúde como direitos universais e patrimônio público. Todo este tripé é, por definição, assunto de segurança nacional. Não uma questão privada ou individual. O sucateamento desta base civilizatória é um ato deliberado de colonização. A civilização não pode estar entregue às regras do mercado:

O corporativismo da grande indústria farmacêutica tem pouco ou nenhum interesse em pesquisas não remuneradas sobre doenças infecciosas (como toda a categoria do coronavírus que são bem conhecidas desde a década de 1960). A indústria farmacêutica raramente investe em prevenção. Tem pouco interesse em investir na prevenção de crises na saúde pública. Adora desenhar curas. Quanto mais doentes estamos, mais eles ganham. A prevenção não contribui para o valor do acionista. O modelo de negócios aplicado à provisão de saúde pública eliminou as capacidades excedentes de enfrentamento que seriam necessárias em uma emergência. A prevenção não é nem uma hipótese de trabalho suficientemente atraente para justificar parcerias público-privadas. (Harley, 2020)

Que a máscara higiênica sirva de símbolo para os novos tempos. Respiramos todos o mesmo ar e a Terra nos dá ele de graça. Se alguém na China ou em qualquer outro lugar contamina este ar, morremos todos sufocados. A questão ambiental é a derrocada final da ideologia moderna. Diante dela, o Eu ocidental se apequena e ameaça desaparecer. No fundo, a construção de um novo mundo implica numa transformação mais sutil, invisível, a ser operada no interior da alma humana. Mas não faremos esta transmutação alquímica de bom grado ou por vontade própria. Nosso ego não permite tamanho desapego. É natural do humano, enquanto coletivo, querer permanecer. O mundo mudará diante de nós, como sempre mudou. E na medida em que as condições materiais de amanhã forem radicalmente diferente das de ontem, então o inconsciente coletivo se adaptará ao devir do ambiente, esculpindo das cinzas uma nova humanidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Bibliografia

BADIOU, A. Sobre la situación epidémica. In: *Sopa de Wuhan*. Editorial ASPO, 2020.

BICHARA, M. R. R. & KOEHLER, C. B. G. Inquisição, imperialismo e xenofobia: repensando a postura científica na Era da Pós-verdade. *Revista Scientiarum Historia*, v.2, p. 9. 2020. Disponível em: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/114>. Acesso em: 01 abril, 2020.

BICHARA, M. R. R. & SILVA, N. S. Sorria, você está sendo filmado: subjetividade e câmera na pesquisa psicológica. *Psicologia Revista*, v. 25, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/29612>. Acesso em: 01 abril, 2020.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Ebooks Brasil, 2003.

CORREIA, S.; LUCK, S.; VERNER, E. *Pandemics Depress the Economy, Public Health Interventions Do Not: Evidence from the 1918 Flu*. 30/03/2020. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3561560. Acesso em: 01 abril, 2020.

CHUANG. *Contágio Social: coronavírus e a luta de classes microbiológica na China*. São Paulo: Veneta, 2020.

HARLEY, D. Política anticapitalista en tiempos de coronavirus. In: *Sopa de Wuhan*. Editorial ASPO, 2020.

JUNG, C. G. *Sobre sentimentos e a sombra*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

KALIL, I. & SANTINI, R.M. *Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política*. Relatório de pesquisa. Divulgado em 01 de abril de 2020. 21p. São Paulo/Rio de Janeiro: FESPSP/UFRJ. Disponível em: https://www.fesp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf. Acesso em: 01 abril, 2020.

KORTBKO, A. *Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes*. São Paulo, Expressão Popular, 2018.

KRENAK, A. *O modo de financiamento da humanidade entrou em crise*. Estado de Minas, 03/04/2020.

LATUOR, B. *Facing Gaia*. Paris: Polity Press, 2017.

OXFORD DICTIONARY. Disponível em:

<https://languages.oup.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 01 abril, 2020.

PINGUELLI ROSA, L. *Tecnociências e Humanidades: novos paradigmas, velhas questões – a ruptura do determinismo, incerteza e pós-modernismo*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

ZIZEK, S. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill. In: *Sopa de Wuhan*. Editorial ASPO, 2020.